

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

## A experiência de Angicos V

# Católico larga o bispo e vai para a prisão alfabetizar

Luiz G. Cortez Gomes

O militante da Juventude Universitária Católica-JUC e ex-presidente da União Estadual de Estudantes-UEE-RN, Marcos José Calazans Fernandes, foi o coordenador-geral da campanha de alfabetização de adultos em Angicos, experiência operacionalizada pelo Serviço Cooperativo de Educação-SECERN, criado em 9 de dezembro de 1962, pelo governador Aluizio Alves e que teve como o seu primeiro diretor executivo o jornalista Francisco Calazans Fernandes. Calazans, natural de Marcelino Vieira, RN, foi o pai da iniciativa de aplicar o Método Paulo Freire em Angicos.

Coube a Marcos Guerra, 51, hoje secretário de Educação e Cultura do Estado, a tarefa de comandar a operação intitulada "Campanha de Alfabetização e Educação de Base para Adolescentes e Adultos". Ficou em Angicos acompanhando todo o desenrolar da campanha, inclusive ministrando aulas na Cadeia Pública, pois o delegado de polícia não permitiu que os presos de justiça saíssem de suas celas para receberem instruções em local condigno. Depois de 40 horas de trabalho, os detentos, mesmo em liberdade, se alfabetizaram com Marcos.

Católico, Marcos Guerra, naquela época, deixou a direção da UEE e uma assessoria jurídica do Serviço de Assistência Rural-SAR, coordenado pelo bispo Dom Eugênio de Araújo Sales, para se aliar ao então secretário de Educação do Estado, Calazans Fernandes, provocando sérias divergências com as principais lideranças estudantis universitárias de Natal. Apesar de não rezar na mesma cartilha do governador Aluizio Alves, um político considerado demagogo, populista e conservador mas modernizante, Marcos Guerra tocou a parada e foi para os cafundós do centro geodésico do Rio Grande do Norte

estava na Universidade. Então, na administração UNE, do Aldo Arantes e, aqui, no RN, com Ademir de Medeiros Neto como presidente da UEE (eu fui um dos seus diretores em 62), começamos a organizar uma tentativa para que os estudantes universitários devolvessem, de certa forma, à sociedade os privilégios que recebiam. Então, seria o pessoal da educação trabalhando na educação, o pessoal de arquitetura trabalhando em urbanismo e saneamento de bairros pobres de Natal. O pessoal de Saúde, idem, e assim por diante. Isso nos levou a cobrar do Estado um trabalho em cima da educação.

A UNE cobrava, a nível nacional, e as UEE cobravam a nível estadual. Na época, o governador Aluizio Alves pegou algumas lideranças estudantis universitárias, com alguma propensão para o serviço público, levou uma parte para reforçar o Conselho de Desenvolvimento Econômico-CDE (uma instituição que fez os primeiros planos e projetos governamentais etc - e daí saiu muita gente boa) e outra parte foi para o SECERN. A mesma coisa fazia Djalmá Maranhão na Prefeitura, tendo levado muita gente para os trabalhos em educação, saúde, urbanização etc. Então, era uma coisa absolutamente normal e natural, o estudante universitário e alguns secundaristas estarem sendo solicitados, comprometidos com esse processo. Esse foi o caminho natural que me levou a aceitar o convite do Calazans Fernandes de integrar naquele trabalho.

Conheci o Calazans no período em que veio trabalhar com Aluizio Alves. Ele frequentava o grupo do CDE: eu me lembro de Humberto Brandão, Geraldo Melo, José Daniel Diniz, Benivaldo Azevedo, Ademir de Medeiros Neto. Eu Também frequentava esse grupo e já tínhamos começado uma amizade que continuou depois.

- Como foi o início de tudo isso, o convite etc?

MARCOS - Bom, eu tenho um caminho que me parece um pouco original, diferente. A lembrança que eu tenho é que o Calazans nos solicitou - na época eu



Marcos Guerra coordenou a campanha de alfabetização

era presidente da UEE, tínhamos conseguido a reforma do estatuto da UEE e a presidência, ao invés de ser eleita de maneira indireta pelos presidentes de Diretórios das faculdades, passou a ser direta, cada estudante votava. Eu fui, com Diógenes da Cunha Lima, os dois candidatos para essa primeira eleição. A disputa foi muito bonita, acirrada e ganhei por muito pouco. Reunimos a direção da UEE e discutimos, entre os métodos existentes, qual seria o método mais indicado. Por exemplo, o método que o MEB estava praticando no rádio, pelo SAR, era o método de cartilha que o Movimento de Cultura Popular-MCP, no Recife, na Prefeitura de Miguel Arraes, estava praticando, através do Germano Coelho; de cartilha que "De Pé no Chão" estava praticando aqui, com Djalmá Maranhão e Moacir de Góis. Que outros métodos? Bom, quando estávamos preocupados com a identificação dos métodos válidos, surgiu a

idéia de conversar com Paulo Freire porque sabíamos que ele estava com a experiência com um grupo de empregadas domésticas de Recife, tentando uma metodologia bastante diferente. Um companheiro nosso da JUC estava participando dessa experiência. Eu fui ter o primeiro contato com o Paulo, identificar e fazer o primeiro balanço. Eu soube também que, simultaneamente, o Calazans estava fazendo as suas próprias investigações mas trabalhamos de maneira isolada e cada um com a sua autonomia antes da escolha e aceitação. Houve uma coincidência de identificação da metodologia que nos parecia mais adequada, a mais rápida, a mais barata, a mais criativa. (Na próxima reportagem, o professor Marcos Guerra conta detalhes da "briga" na liderança estudantil de esquerda por causa da sua "adesão" à campanha de alfabetização do governador "reacionário" Aluizio Alves).



Calazans Fernandes: responsável pela iniciativa, o último à direita da mesa